

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



**Ciências da
Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-204-3

DOI 10.22533/at.ed.043192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 28 artigos que aproximam as reflexões teóricas da prática cotidiana profissional e trazem importantes contribuições para a área da comunicação.

Dividido em três núcleos temáticos, o livro reúne aportes teóricos sobre os movimentos sociais e ações coletivas e apresenta pesquisas referentes à democratização da comunicação, ao papel do jornalismo alternativo na sociedade e às formas de financiamento da imprensa baseadas em novos modelos de negócio. A obra também traz algumas análises de coberturas jornalísticas, uma pesquisa sobre o interagendamento e contra-agendamento midiático de acordo com os conceitos de Maxell McCombs e Luiz Martins da Silva e reforça a importância da crítica para o jornalismo.

A partir do segundo núcleo temático, o leitor encontrará pesquisas sobre o posicionamento da mulher na sociedade e a sua imagem na mídia. As pesquisas discutem a diversidade na perspectiva do gênero, a formação de estereótipos na comunicação audiovisual, os desafios enfrentados pelos imigrantes e a representação de diferentes culturas pelos meios de comunicação. Por fim, o último núcleo temático reúne pesquisas referentes à comunicação organizacional, às estratégias voltadas aos diferentes públicos e às construções discursivas realizadas pelas organizações.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NO CASO BRASILEIRO | |
| Carlos Henrique Demarchi | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925031 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| “O JORNAL BURGUEÊS CONSEGUE FAZER-SE PAGAR PELA PRÓPRIA CLASSE TRABALHADORA QUE ELE COMBATE SEMPRE”: FINANCIAMENTO E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE NO JORNALISMO SEGUNDO LÊNIN E GRAMSCI | |
| Willian Casagrande Fusaro | |
| Manoel Dourado Bastos | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925032 | |
| CAPÍTULO 3 | 21 |
| DA IMPRENSA SINDICAL PARA A IMPRENSA DE MASSA: INTERAGENDAMENTO E CONTRA-AGENDAMENTO | |
| Alexsandro Teixeira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925033 | |
| CAPÍTULO 4 | 33 |
| MÍDIA NINJA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES AUDIOVISUAIS, POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO | |
| Valéria Noronha de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925034 | |
| CAPÍTULO 5 | 44 |
| MANIFESTAÇÕES EM MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A COBERTURA DO SITE G1 E MÍDIA NINJA DA COPA DO MUNDO 2014 | |
| Milton Julio Faccin | |
| Marcelo Vinícius Masseno Viana | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925035 | |
| CAPÍTULO 6 | 55 |
| ENCHENTES DE 2017 NO RIO GRANDE DO SUL PELOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DE TENENTE PORTELA | |
| Lidia Paula Trentin | |
| Mônica Cristine Fort | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925036 | |
| CAPÍTULO 7 | 67 |
| O MONTE EVEREST EM “NO AR RAREFEITO” – UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA | |
| Taíssa Maria Tavares Guerreiro | |
| Deivid Santos Vieira | |
| Isabelle Caroline Rodrigues de Sá | |
| Kethleen Guerreiro Rebêlo | |
| Liam Cavalcante Macedo | |
| Marcos Felipe Rodrigues de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925037 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 77 |
| “DANÇANDO SOBRE ARQUITETURA” - DESAFIOS ATUAIS DA CRÍTICA DE MÚSICA | |
| Rafael Machado Saldanha | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925038 | |
| CAPÍTULO 9 | 89 |
| ALBERTO DINES E O PAPEL DA CRÍTICA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA | |
| Diana de Azeredo | |
| DOI 10.22533/at.ed.0431925039 | |
| CAPÍTULO 10 | 103 |
| DILMA ROUSSEFF: O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA | |
| Tylcéia Tyza Ribeiro Xavier | |
| Sílvia Ramos Bezerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250310 | |
| CAPÍTULO 11 | 117 |
| JORNALISMO, CULTURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS CAPAS DA ROLLING STONE BRASIL | |
| Luiz Henrique Zart | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250311 | |
| CAPÍTULO 12 | 131 |
| A PRESENÇA FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO DA TELEVISÃO ABERTA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “JOGO ABERTO”, DA BANDEIRANTES | |
| Érika Alfaro de Araújo | |
| Mauro de Souza Ventura | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250312 | |
| CAPÍTULO 13 | 146 |
| DIVERSINE, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA FÍLMICA PARA PENSAR A DIVERSIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO | |
| Hugo Bueno Badaró | |
| Thaumaturgo Ferreira de Souza | |
| Maria Lúcia Tinoco Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250313 | |
| CAPÍTULO 14 | 155 |
| COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA | |
| Pablo de Oliveira Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250314 | |
| CAPÍTULO 15 | 165 |
| O HOMEM TRANS NA PUBLICIDADE: UMA ANÁLISE DO ANÚNCIO <i>UNLIMITED COURAGE</i> , DA MARCA NIKE | |
| Nicolau Jordan Girardi | |
| Adriana Stela Bassini Edral | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250315 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 180 |
| VIOLAÇÃO DE DIREITOS LGBTI+ NA CAMPANHA DA RÁDIO JOVEM PAN PARA O DIA INTERNACIONAL DE COMBATE À LGBTIFOBIA | |
| Adriano Quaresma da Costa Armando Leandro Ribeiro da Silva Esthefany Carolyne Silva da Cruz Karen Isabela Leite Alcântara Matheus Henrique Cardoso Luz Lorena Cruz Esteves Suzana de Cassia Serrão Magalhães | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250316 | |
| CAPÍTULO 17 | 192 |
| EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA | |
| Magali Simone de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250317 | |
| CAPÍTULO 18 | 208 |
| O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO | |
| Benalva da Silva Vitorio | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250318 | |
| CAPÍTULO 19 | 222 |
| UMA DISCUSSÃO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ | |
| Alcilaine de Macedo Alencar Carolina Fernandes da Silva Mandaji | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250319 | |
| CAPÍTULO 20 | 235 |
| A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS | |
| Rafaela Daima Lima Danielly Veloso Schulthais Andressa Zoi Nathanailides | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250320 | |
| CAPÍTULO 21 | 245 |
| A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS | |
| Krystal Urbano Maria Elizabeth Pinto de Melo | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250321 | |
| CAPÍTULO 22 | 260 |
| CULTURA ORGANIZACIONAL PROPÍCIA ÀS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA IDENTIFICAR OS TIPOS DE CULTURA ORGANIZACIONAL | |
| Maria José da Costa Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250322 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 23 | 272 |
| COMO O <i>OMBUDSMAN</i> DE DADOS PODE REFORÇAR A MULTIDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL? | |
| Wallace Chermont Baldo | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250323 | |
| CAPÍTULO 24 | 284 |
| COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA EM CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA: RELACIONAMENTO COM OS PÚBLICOS-ALVO | |
| Karla Caldas Ehrenberg | |
| Ary José Rocco Junior | |
| Carlos Henrique de Souza Padeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250324 | |
| CAPÍTULO 25 | 297 |
| OS PÚBLICOS PROJETADOS: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PROPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PELAS ORGANIZAÇÕES | |
| Márcio Simeone Henriques | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250325 | |
| CAPÍTULO 26 | 308 |
| ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: PLANEJAMENTO E PÚBLICOS EM UMA CAMPANHA INCLUSIVA PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO | |
| Victor Said dos Santos Sousa | |
| Leonardo Santa Inês Cunha | |
| Lidiane Santos de Lima Pinheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250326 | |
| CAPÍTULO 27 | 322 |
| COMUNICAÇÃO COTIDIANA DOS VALORES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL: REPRODUZINDO CULTURA NAS REDES SOCIAIS (OU NÃO) | |
| Maria Augusta de Castro Seixas | |
| Emmanuel Paiva de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250327 | |
| CAPÍTULO 28 | 338 |
| A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE RONDÔNIA | |
| Edna Mendes dos Reis Okabayashi | |
| Moacir José dos Santos | |
| Monica Franchi Carniello | |
| DOI 10.22533/at.ed.04319250328 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 352 |

COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Pablo de Oliveira Lopes

Universidade Santo Amaro, São Paulo - SP

RESUMO: O campo da Análise do Discurso (AD) estabelece como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido atribuída por sujeitos sociais que lançam mão da linguagem e produzem verdades. A comunicação áudio-visual pode desenvolver uma relação profícua com a AD ao problematizar o papel dos discursos na produção das identidades sociais, pois a retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de formação de consciências e identidades. Partindo das premissas que envolvem questões éticas na comunicação audiovisual, o presente artigo visa refletir sobre a representatividade dos *gays* na televisão brasileira. Com base na semântica, os resultados parciais permitem considerar que a televisão contribui para a propagação de uma imagem distorcida da realidade, cuja desconstrução revela representações que valorizam o universo social heteronormativo e homofóbico.

PALAVRAS-CHAVE: *Gay*; preconceito; televisão; mídia.

ABSTRACT: The Field of Discourse Analysis (AD) establishes as object of studies the production of effects of meaning attributed by

social subjects that use language and produce truths. Audio-visual communication can develop a fruitful relationship with AD by problematizing the role of discourses in the production of social identities, since the rhetoric of prejudice is one of the many ways of forming consciousness and identities. Based on the premisses that involve ethical issues in audiovisual communication, this article aims to reflect on the representativeness of gays in Brazilian television. On the basis of semantics, partial results allow us to consider that television contributes to the propagation of a distorted image of reality, whose deconstruction reveals representations that value the heteronormative and homophobic social universe.

KEYWORDS: *Gay*; preconception; television; media.

1 | INTRODUÇÃO

A retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de expressão do discurso social. O discurso é uma ferramenta de construção da identidade, que influencia diretamente na percepção que cada ser humano tem de si mesmo. Assim sendo, atravessa o discurso midiático e exerce papel fundamental na formação de consciências e identidades. Para Gregolin, “A análise do discurso pode

delinear algumas relações que a mídia estabelece, interdiscursivamente, com outros dispositivos textuais que circulam na sociedade” (2007, p.3).

Partindo dessa premissa, como se aborda a questão da representatividade homossexual na televisão brasileira? Segundo Tucci Carneiro (1996), o discurso da intolerância caracteriza-se por diferentes formas de expressão: pela linguagem escrita, visual e oral. Na linguagem visual, encontram-se os filmes, as telenovelas, os programas humorísticos, as gravuras, as caricaturas e as fotografias como formas de expressão nas quais podem ser identificadas palavras, frases, gestos e comportamentos que contribuem para a perpetuação do preconceito por meio da reprodução de estereótipos.

O estereótipo pode ser definido como um dispositivo cognitivo que facilita o acesso a novas situações. Equivale a categorias que definem padrões de aproximação e de julgamento que orientam a leitura do novo a partir de referências prévias e, assim, reduz a complexidade das interações concretas e contribui para ampliar o grau de previsibilidade nas novas interações. Crença rígida e simplificada, o estereótipo minimiza as variações presentes nos comportamentos individuais, definidos e explicitados em interações e contextos sociais específicos.

Estereótipos e realidade dependem um do outro e ratificam comportamentos e valores socialmente produzidos. O estereótipo remete ao etnocentrismo, visão de mundo que considera um grupo étnico, nacionalidade ou nação superiores aos demais. Estereótipo e etnocentrismo relacionam-se com o julgamento de práticas e padrões culturais e atribuição de valores a algumas características de determinados grupos de indivíduos. Muitas vezes pejorativos, tais julgamentos tendem a colocar as pessoas em posição de inferioridade, considerações que remetem a interpretações raciais de cunho eugênico.

Eugenia foi um termo criado por Francis Galton (1822-1911), em 1883, definido como o estudo dos agentes sob o controle social, que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações. Galton pregava a aplicação do melhoramento genético na população humana. Exemplo extremo de eugenia foi o da Alemanha Nazista, onde o regime de Adolf Hitler (1889-1945) pregava a supremacia da raça ariana. O Holocausto adveio de tal princípio e resultou na morte de judeus, negros, *gays*, portadores de deficiência e demais indivíduos pertencentes a ‘raças’ ditas inferiores.

Expressões populares presentes no dia-a-dia reafirmam o preconceito gerado pela disseminação de estereótipos: é o caso de ‘Não tenho nada contra, mas...’, ‘Ele é gay mas ninguém diz. Se veste igual a todo mundo’, ‘Não tenho preconceito, tenho até amigos que são gays’, ‘Tudo bem ser *gay*, mas não precisa ficar desmunhecando’, ‘Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem’, ‘Não precisa ficar contando para todo mundo que você é gay’ e ‘Ele é tão bonito, nem parece que é gay’. Elas denotam a rejeição aos homossexuais, sentimento que podem ser explícito ou velado. A homofobia camuflada aparece como uma recusa em aceitar que os homossexuais são seres humanos iguais aos heterossexuais. Homofóbicos preferem não manter contato

com homossexuais. A atitude homofóbica, em geral, vem acompanhada da frase ‘não tenho nada contra, mas...’. Nesse sentido, é possível considerar que costuma haver um discurso de cunho religioso, com forte apelo moral, atrelado a estereótipos como ‘homossexuais são quase sempre promíscuos’.

As frases citadas têm impacto na produção midiática, sobretudo na comunicação audiovisual. Nesse sentido, cabe questionar como os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, exercem influência na fabricação de estereótipos sobre *gays*.

A ampliação dessas construções e permanências remonta a aspectos oriundos da saúde e da medicina, pois a homossexualidade já foi considerada doença. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou em seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que a homossexualidade era uma desordem, o que levou diversos cientistas a tentar comprovar que havia um distúrbio mental nos *gays*. Com a falta de comprovação, em 1973, a mesma associação retirou a opção sexual da lista de transtornos mentais.

Uma outra causa de hostilidade face à homossexualidade foi a sua classificação como patologia pela comunidade médica do Séc. XIX. Nos primórdios do Séc. XX a homossexualidade foi incluída no ramo das doenças mentais e foram criadas clínicas para tratar os doentes homossexuais. A junção da visão médica às ideias emergentes da pureza racial e eugenia nos anos 1930 tiveram consequências desastrosas: cerca de 20.000 homossexuais masculinos, identificados por um triângulo cor-de-rosa, foram mortos em campos de concentração pelos nazistas. (Poeschl; Venâncio; Costa, 2012, p. 2).

Em 1975, a Associação Americana de Psicologia seguiu o mesmo caminho e orientou os profissionais a não adotarem tal postura, evitando a difusão de preconceito. Entretanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu o homossexualismo na classificação internacional de doenças (CID) de 1977 como uma enfermidade mental, mas o retirou em 1990. Por essa razão, o dia 17 de maio tornou-se o Dia Internacional contra a Homofobia.

O longo período em que a homossexualidade ocupou a posição de transtorno mental conferiu aos *gays* estigmas de doença e contribuiu, posteriormente, para o surgimento da associação entre homossexuais e uma grave enfermidade dos anos 1980: a AIDS. A geração dos anos 80 enfrentou a doença como uma sentença de morte, a chamada ‘peste *gay*’, termo carregado de preconceito e simbologia, que marcou anônimos e personagens famosos.

Em junho de 1981, o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma enfermidade considerada, à época, uma incógnita. Em 1982, ela recebeu o nome provisório de ‘Doença dos 5 H’, em razão de casos identificados em homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e prostitutas (*hookers* em inglês).

No mesmo ano, autoridades sanitárias detectaram a possibilidade de transmissão pelo ato sexual, pelo uso de drogas injetáveis e pela exposição a sangue e derivados. No Brasil, o primeiro caso é diagnosticado em São Paulo. A doença recebe o nome

definitivo de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida, em espanhol, ou Aids, na sigla em inglês).

Em 1984, a equipe do virologista francês Luc Montagnier isola e caracteriza um retrovírus, vírus mutante que se transforma de acordo com o meio em que vive, como o causador da doença. Especialistas concluem que a Aids representa a fase final de uma doença provocada pelo HIV.

Três anos depois, o medicamento AZT é a primeira droga a reduzir a multiplicação do vírus no organismo humano. Ainda em 1987, a Assembleia Mundial de Saúde anuncia a data de 1º de dezembro como o Dia Mundial de Luta contra a Aids. Segundo dados de 2011 do Portal Brasil, os casos registrados, no país, totalizam 2.775 no período, seguidos por 4.535 em 1988 e por 6.295 no ano seguinte. Só em 1991 começa a distribuição gratuita de antirretrovirais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) já registrava 10 milhões de pessoas infectadas em todo o mundo.

2 | A HOMOSSEXUALIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA: HOMOAFETIVIDADE E HOMOFOBIA

Existem diversos registros que apontam relacionamentos homoafetivos, de pinturas rupestres a corpos sepultados com indícios de práticas sexuais homossexuais e de transexualidade. Personalidades históricas, que atuaram na construção da civilização, seja nas artes, na ciência, na política, na religião e na filosofia, foram homossexuais ou fizeram alusão ao assunto em suas obras. Entretanto, a compreensão da homossexualidade foi prejudicada e influenciada por valores desprovidos de senso crítico, baseados em senso comum e dogmas religiosos, o que acabou por incentivar o surgimento de uma cultura de ódio em relação aos homossexuais, com reflexos na postura social e legal em relação aos diferentes gêneros.

Ao contrário do que se possa acreditar, o comportamento homossexual nem sempre foi visto como errado. Em várias civilizações antigas da Ásia, África, Médio Oriente e América do Sul era considerado normal.

O motivo da mudança poderá ter como base a tradição judaico-cristã e as interpretações das suas Escrituras por necessidade de assegurar a linhagem, os povos israelitas, constantemente acossados e ameaçados por vários outros, tinham, com efeito, condenado o prazer e definido a homossexualidade como pecado. Assim, a partir da Idade Média, os comportamentos homossexuais foram incluídos na luta contra todas as formas de comportamentos não normativos. Observou-se uma tendência para aglomerar práticas como a feitiçaria e a ligação ao demônio, e grupos como os heréticos, judeus e homossexuais, numa só categoria distinta e ameaçadora. (Poeschl; Venâncio; Costa, 2012, p. 2).

A terminologia 'homoafetividade' foi criada para incluir as uniões entre pessoas do mesmo sexo no âmbito de proteção dos regimes jurídicos da união estável e do casamento civil. Isto porque as uniões conjugais entre pessoas do mesmo sexo são pautadas no mesmo afeto romântico que as uniões de sexos opostos. O termo homoafetividade foi cunhado por Maria Berenice Dias com o intuito de destacar

o amor romântico (e não o afeto fraterno) entre duas pessoas do mesmo gênero sexual. (Mesquita, 2017, p. 13).

A homossexualidade tem sido objeto de acentuado preconceito ao longo da história humana e, com isso, passou a ser encarada pela sociedade em geral como algo ‘ não natural’, um pecado ou, ainda, uma doença, desvio ou perversão psicológica.

Na antiguidade a relação homossexual era aceita. Inclusive, na Grécia antiga, a relação heterossexual era meramente para procriação. E o afeto, em sua maioria, era encontrado na relação homossexual. Portanto a homossexualidade é uma realidade que sempre existiu, é tão antiga quanto a heterossexualidade. Nas sociedades primitivas, os relacionamentos sexuais entre homens era prática constante e amplamente aceita, institucionalizada na cultura. Essa relação geralmente era realizada entre um homem mais velho e um adolescente (até atingir a fase adulta), pois via-se nesse tipo de relacionamento a forma pela qual o adolescente alcançaria a masculinidade, por meio da exclusão do contato dele com a mãe e das mulheres em geral. Algumas dessas práticas eram também baseadas na crença que o jovem só alcançaria fertilidade necessária a uma futura procriação através da sua realização. (Mesquita, 2017, p. 11).

Apenas relacionamentos sexuais entre homens são mencionados, não havendo muitas referências históricas sobre as mulheres, já que o entendimento dominante entre os homens da época era o de que não se poderia falar em relação sexual sem a presença de um homem. Desta forma, a sexualidade das mulheres era ignorada em virtude do preconceito.

O termo lesbianismo, por sua vez, também denota tempos remotos, possui ligação com as habitantes da ilha de Lesbos, por volta de 600 a. C., quando a poetiza Safo escrevia poemas descrevendo a beleza das garotas, demonstrando que tinha atração por mulheres, o termo então passou a ter o significado atual. (Mesquita, 2017, p. 11).

Segundo Poeschl, Venâncio e Costa (2012), o termo ‘homofobia’ foi cunhado pelo psicólogo George Weinberg, em 1972, para referir-se ao desprezo de alguns por homossexuais e também pelo rechaço de certos homossexuais por si próprios devido à sua orientação sexual.

A homofobia pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas o heterossexismo: as instituições sociais, por meio de seus discursos sobre gênero e moralidade, tentam manter o *status* dos grupos dominante e desviante, condenando qualquer comportamento ou relação que não seja heterossexual. O preconceito sexual é um pré-julgamento.

A homofobia continua também a manifestar-se nas profissões da saúde: estudos revelam que 89% das pessoas ligadas aos serviços de saúde manifestam reações negativas (como embaraço, rejeição, ou excessiva curiosidade) quando um/uma paciente se identifica como sendo gay ou lésbica. Existem diversas situações onde a homofobia se manifesta, como no fato do/a companheiro/a não ter direito às visitas em caso de internamento do/a outro/a nos cuidados intensivos, não o/a poder acompanhar na ambulância, e não ter direito a conhecer o seu estado de saúde. (Poeschl; Venâncio; Costa, 2012, p. 3).

Ainda de acordo com Poeschl, Venâncio e Costa (2012), existem diferenças nos níveis de preconceito sexual manifestados pelos indivíduos: muitos estudos apontam

que as mulheres são, em média, mais tolerantes para com a homossexualidade do que os homens e que a homossexualidade feminina é melhor aceita do que a homossexualidade masculina.

Tendo em vista a influência das religiões judaico-cristãs, o mundo ocidental tornou-se homofóbico, principalmente nos Estados Teocráticos (em que Estado e religião se misturam). Defendendo a ideia de que a homossexualidade configura um pecado e vai contra os desígnios de Deus, a religião contribuiu para a disseminação do preconceito.

3 | GAYS NA TELENOVELA BRASILEIRA

A telenovela brasileira, como tudo de resto, não retrata a realidade como ela é. Trata-se de uma ficção, de uma construção literária, porém, influencia poderosamente a cultura brasileira.

No que se relaciona ao tratamento dispensado aos *gays* na mídia audiovisual brasileira, os contrastes produzem um sentido danoso à comunidade LGBT. A homoafetividade acompanha a humanidade desde os seus primórdios, tornando-se difícil determinar, com exatidão, a primeira referência histórica ou literária sobre o fenômeno. Todavia, sabe-se que em praticamente todas as civilizações as relações homossexuais sempre estiveram presentes.

O discurso midiático também pode ser responsabilizado pela imagem que se tem dos homossexuais. Nas novelas e séries exibidas na televisão brasileira, *gays* são retratados com inúmeros trejeitos e, geralmente, são afeminados. Características a eles atribuídas para dar-lhes um tom de humor, aproximando-os do público, que acolhe com mais facilidade personagens engraçados. Para esconder ou amenizar o que se supõe ser um defeito, elabora-se uma caricatura que, por sua vez, acaba por adentrar o caminho da generalização.

Não é incorreto afirmar que *gays* podem ser afeminados e que, em alguns casos, comportam-se de maneira semelhante às mulheres. Lésbicas também podem assumir comportamentos masculinos. Entretanto, ainda que essa dimensão exista, deve-se considerar que homossexuais são diferentes em suas identidades, com personalidades construídas em histórias de vida singulares, o que os leva a ter outras manifestações corporais, comportamentais, de luta e de resistência frente aos padrões normativos que imperam e fabricam *gays*. Vale dizer, não existe uma identidade fixa, mas diversidade na diferença.

Estereótipos acompanharam os homossexuais que viveram a década de 1980, período em que a AIDS ganhou força e se espalhou mundo afora. A associação ente HIV e *gays* passou, sem dúvida, pela percepção de que todos os homossexuais eram promíscuos. A criação de estereótipos e sua reprodução tem como um dos alicerces justamente a generalização, a criação de rótulos. A discriminação continua a existir.

Segundo Gianna (2017), uma pesquisa realizada pelo CRT DST/AIDS-SP, em conjunto com a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em 2011, na capital paulista, homens que fazem sexo com homens (HSH) e transgêneros como travestis e transsexuais são vítimas de preconceito. Entre 1.217 entrevistados, 33,5% disseram ter sofrido abuso, 15,1% sofreram agressões físicas e 62,3% ofensa verbal.

Há 30 anos, a AIDS era sinônimo de morte. Nos dias de hoje, é considerada uma doença crônica e, por conta dos avanços nos campos do diagnóstico e do tratamento da enfermidade, pessoas infectadas pelo HIV vivem com mais qualidade. O desafio atual consiste na promoção dos direitos humanos e na prevenção de novas infecções em jovens HSH. Para se alcançar tal desafio, a luta de coletivos de defesa dos direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transsexuais (LGBT) tem contribuído para que essa parcela da população seja reconhecida e conquiste o respeito da sociedade. Passos importantes no combate ao preconceito já foram dados apesar das dificuldades existentes. Todavia, considera-se que, dado o impacto das mídias audiovisuais na vida social mais ampla, faz-se necessário maior representatividade de *gays* para que estes não figurem somente como doentes e subjugados.

Assim, sem pretender uma interpretação unilateral, é correto afirmar a existência de mudanças em curso, pois as novelas brasileiras têm mostrado relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo com cenas de beijo e carícias, algo difícil de se imaginar, na década de 1980, por exemplo. Caso recente foi retratado pela novela 'Liberdade, Liberdade', exibida pela TV Globo em 2016. "Protagonizada por Ricardo Pereira e Caio Blat, a cena é considerada a primeira envolvendo sexo entre dois homens na teledramaturgia brasileira" (MARANHA, 2016, p.2). Da mesma forma que o primeiro beijo entre dois homens na novela 'Amor à Vida', de 2014, a cena gerou polêmica.

A telenovela acontece no Brasil do século XVIII e retrata hábitos, costumes e percepções daquele período histórico. Nesse contexto, observa-se a ousadia da obra televisiva em abordar um relacionamento homossexual, algo considerado crime em uma sociedade conservadora e influenciada, em larga medida, por valores religiosos. Os personagens vividos por Caio Blat e Ricardo Pereira encontram-se às escondidas e temem serem flagrados juntos. A narrativa considera que relações homoafetivas existiam, mas as convenções sociais e a rigidez moral impunham aos *gays* enormes barreiras, que dificultavam a vida amorosa e profissional dos cidadãos homossexuais na época em que se desenrola a trama. Apesar dessas limitações ou dificuldades, a homossexualidade foi mostrada.

A atual novela da faixa das 21 horas, exibida pela TV Globo, também aborda a questão LGBT. 'A Força do Querer', da autora Glória Perez, aborda os dilemas vividos por Ivana, personagem da atriz Carol Duarte, que passará por transição de gênero ao longo da trama. Já o personagem de Silvero Pereira, Nonato, é uma travesti, que atende pelo nome de Elis Miranda. Rejeitado pela família, Nonato vai do Ceará para o Rio de Janeiro, onde tenta ser artista. Sem grande aceitação, acaba trabalhando como motorista. Temendo estereótipos e preconceito, ele esconde ser travesti.

A personagem Ivana não reconhece o próprio corpo como seu. Não gosta dos seus seios e prefere usar roupas masculinas, como as do irmão. Busca apoio psicológico para responder seus questionamentos e vive em permanente conflito com a mãe, que tenta fazer com que ela seja feminina, use vestidos e tenha apreço por maquiagem. Por meio da transexualidade, a autora trata de temas como identidade de gênero e orientação sexual, termos que podem provocar confusão entre os telespectadores, tornando significativa sua discussão.

A sociedade dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se alguém é homem ou mulher. Entretanto, o fator que determina se uma pessoa é homem ou mulher não é biológico, mas social. Segundo Jesus (2012), em termos biológicos, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, por conseguinte, fêmea), e só. Isso não define o comportamento masculino ou feminino dos indivíduos: isso é determinado pela cultura, a qual classifica alguém como masculino ou feminino. Sexo é biológico e gênero, social.

Ao contrário da crença comum hoje em dia, adotada por algumas vertentes científicas, entende-se que a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não um transtorno. Esse é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como partido grupo que alguns chamam de 'transgênero', ou mais popularmente, trans. (JESUS, 2012, p. 9).

Cisgênero é o termo usado para designar a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Indivíduos não-cisgêneros, que não se identificam com o gênero a eles atribuído, são ditos transgêneros ou trans. Segundo Jesus (2012), analisando-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos enquadram-se na dimensão geral que denominamos de 'transgênero', como expressões diferentes da condição trans. A vivência do gênero pode ocorrer por: identidade (o que caracteriza transexuais e travestis) ou funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificado como homem ou mulher. Orientação sexual é a atração afetivossexual por alguém de algum gênero. Um não depende do outro. Pessoas transgênero e cisgênero podem ter qualquer orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual.

A transexualidade é uma questão de identidade e não corresponde a doença nem perversão sexual. "Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si." (JESUS, 2012, p. 15).

Travestis são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas que não se identificam com homens ou mulheres, fazendo parte de um terceiro gênero. A maioria das travestis preferem ser tratadas no feminino. Portanto, diga-se "as travestis". De acordo com Jesus (2012), deve-se ressaltar que nem toda travesti é profissional do

sexo. Muitas são forçadas a transitar pela marginalidade, fazendo sexo por dinheiro, algo que ocorre devido à estigmatização, à discriminação e à exclusão social.

Historicamente, a população transgênero ou trans é segregada, vítima de preconceito, já que a crença na anormalidade predomina entre uma parte da sociedade. O fato de alguém não se identificar com o gênero atribuído ao nascimento, relega tal indivíduo a uma categoria de pessoas que muitos consideram ‘anormais’.

Violências físicas, psicológicas e simbólicas são constantes. De acordo com a organização internacional Transgender Europe, no período de três anos entre 2008 e 2011, trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil. A maioria das vítimas são as mulheres transexuais e as travestis. Até meados de 2012, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, noventa e três travestis e transexuais foram assassinadas. (JESUS, 2012, p. 11).

Crimes são motivados pelo ódio ou aversão a características da pessoa agredida, que a identifique como parte de um grupo discriminado, segregado, apartado da sociedade. Daí o uso do termo transfobia para definir preconceito e discriminação sofridos por pessoas transgênero.

Tendo em vista a reprodução de estereótipos, a propagação de preconceitos e as atitudes discriminatórias contra *gays*, lésbicas e pessoas trans, a televisão assume papel relevante no debate de ideias que giram entorno do assunto. Sobretudo quando se sabe que para 76,4% dos brasileiros a TV é o meio de comunicação preferido. Segundo Alcântara (2014), tal dado faz parte da ‘Pesquisa Brasileira de Mídia’, documento elaborado a pedido da Presidência da República para auxiliar na criação de política de comunicação e divulgação social do Executivo Federal.

Atendo-se especificamente à audiência da novela das 21 horas, ‘A Força do Querer’, observa-se quão grande ainda é a penetração do folhetim nos lares brasileiros e como pode ser significativa sua participação na questão em destaque: segundo Peccoli (2017), a média de audiência da trama de Gloria Perez entre 03 de abril e 03 de junho deste ano (9 semanas), no PNT (Painel Nacional de Televisão), foi de 32 pontos, com 49% de participação. Em São Paulo, a média é de 32 pontos com 47% de participação e, no Rio de Janeiro, 34 pontos com 51% de participação. Dados presentes no *site* do IBOPE *media*, comprovam que a telenovela mencionada está entre os programas de maior audiência da televisão brasileira.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar que o discurso televisivo contribui para a (des)construção da representatividade *gay* na sociedade brasileira. A participação de tal segmento social na construção da identidade brasileira é alvo de programas de televisão e pode ser retratada de maneira pejorativa ou não. Tal abordagem depende do discurso empregado. Palavras e imagens podem enaltecer e valorizar traços culturais e comportamentais, mas também podem ser depreciativas, na dependência do contexto em que aparecem. A semântica pode ser uma das chaves para isso. De acordo com a

ideologia da retórica televisiva, *gays* podem ser reconhecidos como parte integrante da composição cidadã da nação ou podem ser marginalizados.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Diogo. **Internet é o meio de comunicação que mais cresce entre brasileiros.** Portal Terra, 07 mar. 2014. Disponível em:<<https://www.terra.com.br/economia/internet-e-o-meio-de-comunicacao-que-mais-cresce-entre-brasileiros,93855add93994410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O discurso da intolerância: fontes para o estudo do racismo.** In: Fontes históricas: abordagens e métodos. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras-Unesp. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, 1996. p. 21-32.

DESCOBERTA da Aids completa 30 anos. Portal Brasil, 06 jun. 2011. Disponível em:<<https://www.brasil.gov.br/saude/2011/06/descoberta-da-aids-completa-30-anos>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GIANNA, Maria Clara. **Aids: novos e velhos desafios.** Revista Ser Médico, São Paulo, n.78, p.12-15, jan./mar. 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, v. 4, n.11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em:<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/view/6865/6201>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, Brasília, p. 1-42, 2012. Disponível em:<<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARANHA, Fernanda. **Beijo gay em novelas: veja 8 cenas que marcaram a teledramaturgia.** Home iG>iGay. Disponível em:<<http://igay.ig.com.br/2016-07-12/beijo-gay-novelas.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MESQUITA, Thayná Cruz de. **O reconhecimento das relações homoafetivas e a possibilidade do casamento.** Jusbrasil, 10 jun. 2017. Disponível em:<<https://thaynamesquita.jusbrasil.com.br/artigos/149934011/o-reconhecimento-das-relacoes-homoafetivas-e-a-possibilidade-do-casamento>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PECCOLI, Vitor. **‘A Força do Querer’ tem recorde em quatro anos no país e Globo dispara na principal praça da Record.** TV Foco, 07 jun. 2017. Disponível em:<<http://www.otvfoco.com.br/a-forca-do-querer-tem-recorde-em-quatro-anos-no-pais-e-globo-dispara-na-principal-praca-da-record/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. **Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais.** Psicologia, Lisboa, v. 26, n.1, 2012. Disponível em:<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-204-3

